

O centenário do Prêmio Goncourt de Proust: da “proustituição” a uma consagração *en abyme*, um lugar de memória

Luciana Persice Nogueira-Pretti¹

Resumo: Com um início de carreira conturbado, em que é visto como esnobe decadente, para, mais tarde, ser rotulado de esteta burguês, Marcel Proust enfrenta críticas pessoais e descrença quanto ao seu talento literário. A obtenção do Prêmio Goncourt por seu segundo romance, em 1919, abre caminho para uma nova fase na recepção de sua obra, de um leitorado mais amplo, mas não garante que ela seja predominantemente positiva: os ataques persistem, e a decisão do júri será vista, por alguns críticos mais acerbos, como escandalosa “*proustitution*”. Cem anos depois, o Prêmio Goncourt será uma festa, de eleição de mais um título, mas também de rememoração de *À l’ombre des jeunes filles en fleurs*, numa celebração múltipla, e *en abyme*, do romance, de seu autor, de seu editor, e do próprio concurso. Percorremos o roteiro de luz e sombra da relação entre a obra proustiana e seus críticos, com vistas a ressaltar e (re)dimensionar a importância do Prêmio Goncourt de 1919 e de sua celebração em 2019, inclusive enquanto “lugar de memória” (COMPAGNON, 1992; NORA, 2013; LAGET, 2020).

Palavras-chave: Prêmio Goncourt; Marcel Proust; centenário.

The centenary of Proust’s Goncourt Prize: from “proustitution” to a consecration *en abyme*, a place of memory

Abstract: With a troubled start to his career, in which he is seen as a decadent snob, only to be later labeled a bourgeois esthete, Marcel Proust faces personal criticism and disbelief regarding his literary talent. Obtaining the Goncourt Prize for his second novel, in 1919, opens the way for a new phase in the reception of his work, for a wider readership, but does not guarantee that this reception is predominantly positive: the attacks persist, and the decision of the jury it will be seen, by some sharper critics, as a scandalous “*proustitution*”. One hundred years later, the Goncourt Prize will be a festivity, choosing one more title, but also remembering *À l’ombre des jeunes filles en fleurs*, in a multiple celebration, and

¹ Professora Adjunta do Setor de Francês do Instituto de Letras (ILE) e do Programa de Pós-Graduação em Letras (Teoria da Literatura e Literatura Comparada) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e coordenadora do Curso de Especialização em Tradução em Língua Francesa da mesma Universidade. Possui Pós-doutorado, Doutorado e Mestrado em Letras Neolatinas (Literaturas de Língua Francesa) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Licenciatura e Bacharelado em História pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ); e Licenciaturas em Francês e Inglês pela Universidade Santa Úrsula (USU).

E-mail: luciana.persice@yahoo.com.br.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4374-5347>.

en abyme, of the novel, its author, its publisher, and of the contest itself. We will travel through light and shadow as we envision the relationship between the Proustian work and its critics, in the intent of highlighting and (re)dimensioning the importance of the Goncourt Prize of 1919 and its celebration in 2019, including as a “place of memory” (COMPAGNON, 1992; NORA, 2013; LAGET, 2020).

Keywords: Goucourt Prize; Marcel Proust; centenary.

Introdução

Hoje considerado como um dos maiores escritores da cena literária francesa, e mesmo mundial, Marcel Proust (1871-1922) começou sua carreira em meio a estigma, desdém e polêmica. Desde seu primeiro título, *Les Plaisirs et les jours* (1896), uma coletânea poética publicada com recursos próprios, até seu primeiro romance, *Du côté de chez Swann* (1913), o qual também custeou pessoalmente, passando por suas duas traduções de livros do esteta britânico John Ruskin – *La Bible d’Amiens* (1904) e *Sésame et les lys* (1906) –, Proust enfrentou dificuldades face a editores e críticos literários. O seu segundo romance, *À l’ombre des jeunes filles en fleurs* (1919), não será poupado de agruras e celeumas, sobretudo quando, para surpresa geral, é laureado com o Prêmio Goncourt. A cizânia que se segue faz história e pode ser considerada como um dos maiores eventos midiáticos de seu tempo, regado a *fake news*, ofensas pessoais e golpes publicitários.

Veremos aqui alguns aspectos da trajetória da recepção da obra romanesca do autor, da premiação em 1919, e de sua celebração em 2019, no que pode ser resumido como os caminhos e descaminhos de um clássico contemporâneo. Essa visão retrospectiva de sua trajetória permitirá dimensionar a importância tanto do prêmio quanto de sua celebração, e seus desdobramentos. Alguns apoios críticos nos servem de esteio: o artigo de Jeanyves Guérin, “La gauche progressiste et l’analyseur Proust” (2004), retrata o calvário percorrido pela obra de Proust diante das exigências de uma crítica literária engajada; a palestra de Antoine Compagnon, “Proust 66. 1966, Annus mirabilis” (2011), analisa a trajetória da recepção da obra proustiana ao longo do século XX e a reviravolta, junto à crítica e à academia, que ocorre em meados dos anos sessenta; e uma seleção dentre os muitíssimos artigos publicados na imprensa por ocasião do

centenário do Prêmio Goncourt, entre relatos, catálogos de exposições, entrevistas com especialistas, reportagens de todo tipo publicadas em jornais, edições *hors-série* de revistas literárias impressas, *blogs*, *vlogs*... enfim, toda uma literatura crítica e/ou publicitária, que registra a consagração de uma obra e, *en abyme*, a de seu editor e a do próprio prêmio. Finalmente, diante do universo de informações, mas também de representatividade envolvido nessa consagração múltipla e desdobrada, caracterizaremos o centenário do Prêmio Goncourt de Proust como um “lugar de memória (COMPAGNON, 1992, NORA, 2013, LAGET, 2020).

Proust até o Goncourt: à sombra dos jovens no ar do tempo

Proust começa a escrever muito cedo, participa e organiza algumas revistas literárias efêmeras, editadas ainda no liceu, onde publica sobretudo poemas. A última revista de seu grupo de amigos, *Le Banquet*, se integra à prestigiosa *Revue Blanche*, onde continua a publicar poesia. Nesse grupo de jovens, dois, Robert Dreyfus e Daniel Halévy, já haviam adquirido uma certa notoriedade no meio intelectual e artístico traduzindo o primeiro livro de Nietzsche para o francês com o título de *Le cas Wagner* (1892 e 1893); e um terceiro, Fernand Gregh, lança, com muito sucesso, a coletânea de poemas *La Maison de l'enfance* (1896), que ganha o Prix Archon-Despérouses de 1897. Proust, então, em 1896, reúne seus poemas sob o título *Les Plaisirs et les jours*: fiasco junto à crítica e encalhe editorial, esse livro luxuoso, ricamente ilustrado, lançado em meio a saraus da alta burguesia, é considerado como obra decadente de um diletante ocioso e esnobe; suas crônicas mundanas publicadas na imprensa reforçam essa imagem – que se cola ao escritor, como um estigma difícil de apagar. Proust será visto como um rico burguês com aspirações aristocratizantes, que fala de duques e duquesas, e de grandes salões onde penetra devido a amizades do liceu.

Proust segue publicando eventuais artigos na imprensa, até que, com a morte de John Ruskin (1819-1900), assina ensaios que chamam a atenção. Na verdade, ele já vinha pesquisando sobre a obra de Ruskin, tornando-se um erudito em questões trabalhadas pelo esteta: a arte italiana, o gótico francês, a importância da leitura... E Proust vai traduzir dois títulos, que publica em 1904 e

1906, contabilizando, ao todo, quase uma década de um esforço hercúleo de pesquisas e produção de ensaios excepcionais. No contexto da querela deflagrada (desde o início da *Belle Époque*) entre nacionalistas e cosmopolitas, parte da crítica o condena por sua “anglofilia”, assim como pelos seus erros de tradução; outra parte elogia sua erudição e aplaude os prefácios e posfácios às duas publicações – textos que alteram sua imagem no meio intelectual. Mas a ausência de títulos ficcionais mantém sua fama de não literato.

Apenas postumamente descobre-se que Proust escreve freneticamente e que deixa inacabados dois rascunhos de romances lacunares e fragmentários. O primeiro, *Jean Santeuil*, escrito antes das traduções, em 1952; o segundo, *Contre Sainte-Beuve*, logo depois, em 1954), ambos serão organizados, nomeados e editados por Bernard de Fallois. A partir de 1908, porém, Proust concebe e estrutura sua obra futura. Inicialmente prevendo dois volumes, depois três, para enfim acabar escrevendo sete, Proust dá início à redação de *À la Recherche du Temps Perdu* (1913-1927). O primeiro volume não encontra editor, sendo rejeitado por quatro. Finalmente, Proust consegue publicar pela editora Grasset, com recursos próprios, o seu impactante *Du côté de chez Swann*, em novembro de 1913.

Trechos desse romance já são conhecidos do público leitor do jornal *Figaro*, e, ao ser editado, alcança logo alguma repercussão. O autor o apresenta ao Prêmio Goncourt, que se reúne em dezembro – mas não obtém nenhum voto. A campanha, feita inteiramente pelo próprio autor, será ou curta demais ou ineficiente. Duas coisas, de qualquer forma, ficam claras: o editor, Bernard Grasset, não se empenha na promoção do livro, e Proust encontra um público leitor, assim como amplo foro de polêmicas, críticas e, até mesmo, ataques – ou seja, espaço de promoção de sua obra.

Uma das reações mais conhecidas à publicação de *Du côté de chez Swann* é da lavra do reputado crítico Paul Souday, que assim inicia sua resenha:

O Senhor Marcel Proust, muito conhecido pelos admiradores de Ruskin por suas notáveis traduções de *La Bible d'Amiens* e *Sésame et les Lys*, nos dá o primeiro volume de uma grande obra original, *A la recherche du temps perdu*, que terá ao menos três, já que dois outros são anunciados e devem ser publicados no ano que vem [...]. O Sr. Marcel Proust abraça, em sua grande obra, a

história da humanidade, ou, ao menos, a de um século? Não. Ele nos conta suas lembranças de infância. Sua infância foi, então, recheada de uma multitude de acontecimentos extraordinários? De modo algum: nada lhe aconteceu de particular [...]. Por outro lado, esse volume tão longo não se lê com facilidade. Ele não só é compacto como amiúde obscuro. Essa obscuridade, na verdade, deve-se menos à profundidade do pensamento do que ao embaraço da elocução [...] as incorreções pululam [...]. Visivelmente, os jovens não sabem mais francês. A língua se decompõe, muta-se em um dialeto informe e desliza rumo à barbárie [...]. Entretanto, o Sr. Marcel Proust possui, sem sombra de dúvida, muito talento [...]. Há, em suas copiosas narrações, algo de Ruskin e de Dickens [...]. Parece-nos que o gordo volume do Sr. Marcel Proust não é composto, e que é tão desmesurado quanto caótico, mas que contém elementos preciosos com os quais o autor poderia ter formado um pequenino livro sublime (SOUDAY, 1927, p. 7-8)².

Para efeitos da caracterização da crítica literária até antes da obtenção do Prêmio Goncourt, tomaremos essa resenha como sintomática da recepção da obra ficcional de Proust. Aqui, o crítico começa sua observação do livro em questão situando o autor e seu contexto: Proust é, antes de mais nada, tradutor de dois títulos de Ruskin e, por isso, conhecido pelos admiradores do inglês. Não há juízo de valor aqui, mas fica implícita a identificação de Proust como cosmopolita e anglófilo – adepto de uma orientação que enfrentava oposição dos nacionalistas contrários à penetração (e conseqüente “influência”) de literaturas estrangeiras no mercado editorial francês. O nome de Ruskin, aliás, aparece duas vezes, como sendo um dos “influenciadores” do estilo do jovem francês, que escreve, segundo alguns críticos da época, “à inglesa”, com frases longas, tortuosas, contrariando as preconizadas clareza e brevidade do *goût* francês.

Ao dizer que “os jovens não sabem mais francês”, Souday esquece que é apenas dois anos mais velho que Proust, e o identifica como participante de uma nova geração, que diverge, mais uma vez, do estilo dito clássico. E, embora elogie o livro que, numa versão reduzida, daria um “livrinho sublime”, ironiza a falta de ação que caracteriza, de fato, a trama proustiana. Os “dois outros” volumes da *Recherche*, já anunciados junto com a edição do primeiro, são *Le côté de*

² Esse livro de Souday reúne as resenhas publicadas na imprensa a cada lançamento de um volume da *Recherche*. Originalmente, esse artigo foi publicado no jornal *Le Temps*, 10 dez. 1913, p. 3. Esta e as demais traduções não referenciadas foram feitas pela autora deste artigo.

Guermantes e *Le Temps Retrouvé*, compoendo a tríade prevista inicialmente pelo escritor.

A eclosão da Grande Guerra e a morte do secretário Albert Agostinelli, porém, levam o projeto escritural a se alterar, e o romance se avoluma. Proust concebe o “ciclo de Albertine” e toda uma série de novos tomos. O segundo tomo, *À l'ombre des jeunes filles en fleurs*, só será publicado depois de finda a guerra, em 1919, mas já com outro editor: o desinteresse flagrante da Grasset leva Proust a ceder aos convites da Nouvelle Revue Française (futura Gallimard, que se arrepende de ter rejeitado o copião de 1913). Junto com este livro, o editor relança o primeiro tomo da obra, assim como publica *Pastiches et mélanges* (que reúne ensaios publicados até então pelo escritor em diversos jornais e revistas); Proust não aceita republicar *Les Plaisirs et les jours*, talvez tentando desvincular-se do estigma inicial. Por parte da Gallimard, trata-se de um amplo projeto editorial que extrapola a própria *Recherche*, e encampa o jovem – e polêmico – talento, Marcel Proust.

Desanimado com a total ausência de votos para a premiação de 1913, Proust só passa a se empenhar para obter o Goncourt de 1919 por insistência dos amigos. O principal aliado junto aos acadêmicos será Léon Daudet – de extrema direita, e muito influente na Academia Goncourt naquele momento (basta lembrar que Léon Daudet era filho de Alphonse Daudet, que seria o primeiro presidente da Academia Goncourt por desejo de Edmond de Goncourt expresso em seu testamento, mas acabou morrendo antes da criação dessa instituição). Esse apoio apenas reforça a imagem de um livro contra o ar do tempo: nos últimos cinco anos, desde 1914, vinham sendo premiados romances que falavam da guerra, relatos realistas ou naturalistas de homenagem a seus heróis e vítimas³. Ao final da campanha de 1919, o livro de Proust concorre com outro título sobre a guerra, escrito por um ex-soldado: *Les Croix de bois*, de Roland Dorgelès; houve mais de sessenta títulos sobre a guerra naquele ano, o que reforça não só a expectativa dos leitores, como também a aposta das editoras no tema e na continuidade de seu sucesso. Assim, diante da narrativa proustiana sem ação

³ São eles: *L'appel du sol* (1914), de Adrien Bertrand; *Gaspard* (1915), de René Benjamin; *Le Feu* (1916), de Henri Barbusse; *La flamme au poing* (1917), de Henry Malherbe; e *Civilisation* (1918), de Georges Duhamel.

e sem feitos de heroísmo, a imprensa declara guerra ao escritor burguês que não foi ao fronte.

As hostilidades contra Proust passam a ser frequentes. Jeanyves Guérin, no seu artigo sobre a esquerda progressista e sua recusa da literatura de Proust, lembra que Aragon, entre outros surrealistas, ataca, em várias ocasiões, a pessoa e o estilo de Proust. Ele dirá, por exemplo, a propósito do Goncourt: “O Sr. Marcel Proust é um jovem cheio de talento e, como trabalhou direito, deram-lhe um prêmio. Ora, isso vai aumentar a tiragem. Um excelente negócio para NRF. Nunca se poderia imaginar que um esnobe laborioso rendesse tantos frutos” (ARAGON, *Littérature*, n. 11, 1920, p. 30, *apud* GUÉRIN, 2004, p. 169). De acordo com Guérin, os surrealistas não perdoam a Proust, sobretudo, o fato de ser identificado a uma nova literatura, a uma maneira totalmente diferente de narrar – algo que deveria ser apanágio ou exclusividade de seu grupo.

E não se perdoa à Academia Goncourt o deslize político, num momento em que ainda se acertam contas com o inimigo. É o já conhecido Paul Souday que destrincha parte das críticas ao autor e a seu prêmio, em sua resenha sobre *À l'ombre des jeunes filles en fleurs*:

O Sr. Marcel Proust obteve o Prêmio Goncourt por seu romance *À l'ombre des jeunes filles en fleurs* [...]. Já em 1913, a propósito de [seu] primeiro volume, fiz ao talento do Sr. Marcel Proust um vivo elogio, apesar de temperado de certas reservas para, hoje, poder apenas felicitar-me desse julgamento acadêmico que vem em apoio ao meu. [...] Entretanto, devo reconhecer que a mais recente decisão [da Academia Goncourt] não teve, em geral, boa repercussão na imprensa. Nessa campanha, o grande favorito foi vencido na reta final; refiro-me ao Sr. Roland Dorgelès [...]. Mas, depois de haver coroados livros de guerra durante cinco anos, a Academia dos Dez pensou que já era tempo, talvez, de retornar às obras de paz. Entre estas, não vemos qual mereceria a preferência sobre a do Sr. Marcel Proust. Seus detratores objetaram que ele não preenchia as condições estabelecidas pelo fundador, sendo idoso demais, rico demais, e apadrinhado pelo membro da Academia que é, também, um homem da política. É verdade que o Sr. Marcel Proust tem 47 anos (e não 50, como tão frequentemente afirmaram). [...] Vários ganhadores do Prix Goncourt [...] também haviam ultrapassado os quarenta. [...] A vontade de Edmond de Goncourt não é, por esse motivo, contrariada. Quanto à sua fortuna, não conheço os números, mas ele não é um novo rico, o que, geralmente, basta, nos dias de hoje, para assemelhar-se muito a um novo pobre. [...] Que mais? Condena-se o romancista por ser mundano. É seu direito, e o

caso não está previsto no testamento do velho Goncourt, que frequentava alguns salões, notadamente o da princesa Mathilde (SOUDAY, 1927, p. 17-20)⁴.

O crítico ancora sua resenha ao próprio prêmio Goncourt e à celeuma que lhe é decorrente. Primeiramente, valoriza seus elogios feitos em 1913, ao livro anterior, parabeniza o júri do Goncourt por partilhar sua opinião positiva da obra de Proust (consegue, nessa inversão, parabenizar a si mesmo); em seguida, convém que as reações na imprensa não foram das melhores, ressaltando, e respaldando, a decisão da Academia dos Dez, de premiar uma obra “de paz” – depois de várias premiações de livros sobre a guerra. Então, Souday fala dos “detratores” de Proust, que consideram que ele não corresponde às exigências do fundador – Edmond de Goncourt – por ser “velho demais, rico demais, e apadrinhado” pelo membro do júri que é também um político de expressão (Léon Daudet, monarquista, torna-se deputado de Paris no mesmo ano); também disseram de Proust que ele tinha 50 anos – aumentando sua idade, mesmo que minimamente, mas num gesto simbólico de manipulação dos preceitos do prêmio (o qual tem por finalidade laurear romances inovadores de jovens talentos, e não necessariamente jovens escritores; lembra-se, porém, que, ao publicar o romance anterior, em 1913, Proust era universalmente chamado de jovem); disseram ainda que era novo rico – outro argumento que não tem espaço num contexto literário. “Que mais?” – pergunta o crítico, numa última resposta aos detratores: o fato de Proust ser mundano apenas o aproxima de Edmond Goncourt, que também frequentava salões aristocráticos.

Depois dessa defesa, os ataques. Um estudo recente e pormenorizado sobre a verdadeira guerra midiática gerada pelo Goncourt de Proust foi publicado por ocasião de seu centenário. O especialista Thierry Laget explica em entrevista, a propósito do livro *Proust, prix Goncourt: Une émeute littéraire* (2019) que a proximidade entre Proust e os Daudet selou uma visão deformada da decisão do júri: fala-se em “*proustitution*” e em “*goncourtisan*”, em alusão aos jantares faustosos ofertados pelo escritor a membros do júri (prática, entretanto, habitual nesse contexto), mas também a relações de proximidade afetiva entre Proust e o

⁴ Originalmente publicado no jornal *Le Temps* de 18 dez. 1919, p. .

irmão caçula de Léon, Lucien Daudet⁵ (LAGET, 5 maio 2019) – o que não exclui, em meio ao conjunto de invectivas, retaliações contra a homossexualidade de Proust.

Importa, sobretudo, que o texto de Proust, real motivo da premiação, também será atacado – e não somente a pessoa do escritor. Uma das opiniões representativas daqueles que não apreciam a nova literatura inaugurada por Proust é de um velho conhecido seu, que inclusive prefaciou seu desafortunado *Les Plaisirs et les jours*. É de Anatole France o comentário (de 1923 ou 1924) que faz sorrir: “A vida é demasiadamente curta, e Proust é demasiadamente longo [...]. Não entendo nada do que ele escreve [...]. Tentei compreender, e não consegui. Mas não é culpa dele, é minha. Compreendemos apenas os contemporâneos, os da própria geração, talvez até os da geração seguinte. Depois, não tem como” (*apud* LE GOFF, 1947, p. 243-244).

Essa fórmula cômica retrata o impacto do espírito novo e inovador da obra de Marcel Proust, a irritação do velho escritor diante dele, assim como, por extensão, o verdadeiro mal-estar provocado, junto aos surrealistas e à nova literatura realista (romances ora chamados populistas, ora populares, ora proletários, ora comunistas), pela ousadia incontestada de Proust – de onde, ironicamente, estes o incluam em seu programa de combate aos escritores convencionais, tradicionais e “burgueses”, numa longa e incansável campanha de vanguarda engajada.

A recepção de Proust depois do Prêmio Goncourt: intermitências entre luz e sombra

Laurent Nunez, em seu artigo “Réception d’une œuvre”, comenta que, embora o Goncourt tenha dado visibilidade e notoriedade a Proust, estas declinam três anos depois, com a morte do autor. Inclusive, os volumes póstumos tiveram críticas recalcitrantes, insistindo sobre um “declínio progressivo” da qualidade dos tomos, por sua “psicologia mórbida” e seu “universo mesquinho”, ao ponto de o jornal *L’Information Littéraire* conclamar a uma “reação contra Marcel Proust” (NUNEZ, 2019, p. 57).

⁵ Insinuações acerca da relação entre Proust et Lucien Daudet já haviam levado o escritor a duelar com o crítico Jean Lorrain, que já a mencionara a propósito de *Les Plaisirs et les jours*, em 1896.

Jeanyves Guérin também acompanha o incômodo causado pela escritura de Proust para além da atribuição do Goncourt: em 1929, por exemplo, a *Revue mondiale*, simpatizante do romance populista, lança uma enquete em que Proust aparece nominalmente, numa pergunta, por si só, acusatória e desqualificante:

Você acredita que haverá, em breve, apenas clichês nos excessos de análise, defesas de originalidade e obscuridade, contorções de escritura, que tiveram sua voga numa valorização de um esnobismo literário propenso a consagrar as pessoas chiques, os ociosos viciosos, cujos casos, frequentemente irritantes são expostos segundo os ritos do evangelho freudiano ou proustiano? (*apud* GUÉRIN, 2004, p. 171)

Mais de cinquenta escritores respondem a essa pergunta-condenação. No mesmo ano, Emmanuel Berl, a quem se deve a noção de “escritor engajado” que rompe com a burguesia da qual é oriundo, publica *Mort de la pensée bourgeoise*, obra dedicada a Malraux, em que ataca, entre outros, Proust – que conheceu pessoalmente, e com quem se desentendeu, em 1917 (GUÉRIN, 2004, p. 172). Em 12 de março de 1937, o jornal *Vendredi* anuncia, em tons nietzcheanos: “Proust está morto, bem morto, tão longe de nós quanto se pode estar” (GUÉRIN, 2004, p. 176) – tanto o entreguerras quanto a guerra fria serão períodos em que o idealismo, o subjetivismo e o esteticismo serão malvistas. Os imperativos da guerra, assim como da vanguarda literária, clamam por certezas. Maurice Thorez, em pleno congresso nacional do Partido Comunista Francês, declara: “preconizamos uma literatura otimista, voltada para o futuro. Aos intelectuais desorientados [...] trazemos certezas. Pedimos que se afastem dos falsos problemas do individualismo, do pessimismo, do esteticismo decadente” (*apud* GUÉRIN, 2004, p. 177).

Os exemplos de rejeição da obra proustiana são muitos, mas podemos encerrar sua litania com Sartre, que, no seu capítulo “Situation de l’écrivain en 1947” considera que “Proust está encerrado em sua geração e em seu meio, portanto confinado a um passado duplamente terminado. Ele faz parte daqueles escritores que reconciliaram a literatura com o público burguês” (*apud* GUÉRIN, 2004, p. 178-179). Para Sartre, Proust, sua prosa poética e reflexiva, seu texto

híbrido entre romance, autobiografia, crônica de época e ensaio, estão ultrapassados e enterrados junto com os escombros da guerra.

Há exceções nesse longo período de purgatório da *Recherche*, e Guérin lembra que François Mauriac e, depois, André Maurois escrevem sobre Proust títulos de homenagem; Camus, evoca a *Recherche* em *L'Homme revolte* (1951) ao falar de “revolta criativa”. Outros nomes surgem na curta lista de Guérin, terminando com Roland Barthes e o seu *Le Degré zéro de l'écriture*, de 1953 (GUÉRIN, 2004, p. 184) – este sendo, para o crítico, o maior responsável pela reversão da recepção da obra proustiana na França.

O especialista Antoine Compagnon faz uma análise no mesmo sentido, notadamente numa palestra no Collège de France, que inicia com uma pergunta: “O ano de 1966 foi, na recepção de Proust, um ano como os demais, ou foi um ano de virada?” (COMPAGNON, 1º fev. 2011). O crítico começa sua resposta afirmando, como Guérin, que a obra proustiana viveu um verdadeiro “purgatório” nos anos 1930-1940, quando Mauriac, Malraux, Céline, Aragon e Sartre predominam na cena literária. Com elegância, contenta-se em mencionar essa sombra, produzida por grandes nomes, que obscurece Proust e sua *Recherche*, e sem identificar detratores, Compagnon comenta que a década de 1950 conhece alguns feitos editoriais que recolocam o nome de Proust sob uma luz benfazeja: primeiramente, as publicações, organizadas por Bernard de Fallois, de *Jean Santeuil* (1952, prefácio de André Maurois) e *Contre Sainte-Beuve* (1954, prefácio do próprio editor), pela Gallimard⁶. Em seguida, a mesma editora, que publica a obra de Proust desde 1919, também lança, pela prestigiosa coleção Pléiade, uma reedição da *Recherche* em três volumes, anotados e comentados por Pierre Clarac e André Ferré (1954). Todas essas publicações permitem ampliar os horizontes da recepção da obra, e renovar sua leitura. Sem fazer ilações de causa e efeito, Compagnon relata que, então, “os modernos se apropriam de Proust”, exaltando-o: Bataille e Blanchot, e, em seguida, Robbe-Grillet, Sarraute e Butor – ao ponto de os novos romancistas o colocarem numa tríade de autores maiores, junto com Joyce e Kafka. Finalmente, o mundo das letras (re)lê Proust.

⁶ Em sua entrevista a Nathalie Mauriac-Dyer, Bernard de Fallois comenta que não houve qualquer repercussão positiva no meio acadêmico a essas publicações (aliás, chegaram a acusá-lo de impostura, 2013, p. 109).

A explanação de Compagnon ressalta um evento midiático de monta, realizado em comemoração dos quarenta anos da morte do escritor, que o tira de seu “gueto” de ratos de biblioteca: um programa de televisão, “Portrait-Souvenir”, que foi ao ar em 11 de janeiro de 1962, e que trouxe aos lares, tirando das prateleiras de alguns poucos eruditos e intelectuais, uma rememoração da figura de Marcel Proust. São entrevistados amigos e conhecidos do escritor: Daniel Halévy, o duque de Gramont, a condessa de Greffulhe, François Mauriac, Paul Morand e Mme Morand, Jacques de Lacretelle, Jean Cocteau, Emmanuel Berl, Philippe Soupault, Mme André Maurois, e – destoando dessa litania de grandes nomes – Céleste Albaret, a assistente-governanta de Proust, que rouba a cena, inverte as hierarquias e dá um tom mais popular, acessível e afetivo ao discurso sobre o autor e sua obra.

Nesse mesmo ano de 1962, Georges Cattai e o norte-americano Phillip Kolb organizam em Cerisy-la-Salle o primeiro colóquio francês sobre Proust (as atas só serão publicadas em 1966), no qual não há sequer um único universitário francês. Estrangeiros e amadores se apropriam do lugar que a Sorbonne ainda resiste em ocupar. Compagnon, então, lembra que novas abordagens críticas e universitárias da obra provêm da Suíça: Georges Poulet e Jean Rousset (na verdade, eles inauguram a crítica temática, inspirada justamente nos estudos críticos de Proust). Em seguida são produzidas as primeiras grandes teses – na área de letras – de Émilien Carassus, Michel Raimond, Jean Milly e Jean-Yves Tadié; surgem, em paralelo, títulos em filosofia sobre o trabalho de Proust, com destaque para *Marcel Proust et les signes, em 1964, de Gilles Deleuze (reeditado em 1970)*.

Compagnon lembra que o Prêmio Goncourt de 1965 é atribuído a Jacques Borel, por seu romance “proustiano” (pelo estilo e pelo título) *L’Adoration*, e que, a partir de 1966, o interesse por Proust torna-se mais patente: a Bibliothèque nationale de France (BnF) adquire o Fundo Proust de manuscritos; a biografia do escritor feita pelo inglês George Painter vende 30 mil exemplares; Philip Kolb publica *Lettres retrouvées*; e Gérard Genette lança *Figures* e seu “Proust palimpseste” – que integra os textos fundadores da nova crítica proustiana. Não menos importante, Bernard de Fallois organiza a primeira edição de bolso da

Recherche, tornando-a, finalmente, popular e acessível – como fora o desejo confesso do autor.

Compagnon considera que a grande virada na recepção de Proust precedeu os eventos por ocasião do centenário de seu nascimento. Mas parece evidente que esse aniversário é o grande momento de retomada do interesse do público e da mídia por Proust: o jornal *Le Monde* registra o centenário listando alguns dos livros publicados ao longo do ano: *Au bal avec Marcel Proust, souvenirs de la princesse Bibesco* (de Marthe Bibesco), *L'Univers médical de Proust* (de Serge Béhar, pela nova série da Gallimard, *Cahiers Marcel Proust*); duas antologias da crítica proustiana (organizadas por Jean-Yves Tadié e Jacques Bersani), dois estudos magistrais: *Proust et le Roman* (tese de Tadié) e *Proust romancier* (de Maurice Bardèche) (PIATIER, 1971). Publicam-se também, comemorativamente, dois números da *Revue Europe* (n. 496-497 e n. 502-503. “Centenaire de Marcel Proust”) e as novas edições de *Jean Santeuil* e de *Contre Sainte-Beuve*, da Pléiade, diversas das organizadas por de Fallois nos anos cinquenta, organizadas e comentadas por Pierre Clarac e Yves Sandre – numa abordagem nova da obra.

O centenário de nascimento de Proust será celebrado, entre outros feitos, com a extraordinária adoção do nome de Illiers-Combray pela cidadezinha retratada na obra, a inauguração da sala de exposição do Museu Marcel Proust (na Maison de Tante Léonie, na mesma cidade), e, finalmente (para efeitos de florilégio, mas sem esgotar os eventos), a entrevista concedida pela sobrinha do escritor, Suzy Mante-Proust, a Jean-François Noël⁷.

A partir de então, passando pelos anos 1980, em que a *Recherche* cai em domínio público e as edições de bolso pululam por novas editoras, a popularidade do escritor e de sua obra ascendem, inclusive a cada grande data de aniversário: 2013 (centenário da publicação de *Du côté de chez Swann*), 2019 (centenário do Prêmio Goncourt), 2021 (comemoração dos 150 anos de nascimento do autor), e 2022 (centenário de sua morte). As descrições seriam extensas e redundantes. Mas destacaremos os maiores feitos do centenário do Goncourt, para demonstrar a relação íntima que se forjou entre o romance de Proust, o Prêmio Goncourt e a Gallimard.

⁷ Primeira difusão em 25 jun. 1971. <https://www.franceculture.fr/emissions/les-nuits-de-france-culture/la-boite-de-pandore-suzy-mante-proust-1ere-diffusion-25061971-0> (29’).

A Primavera Proustiana: o centenário do Prêmio Goncourt, lugar de memória

O relato feito das agruras da obra e do autor assim como da lenta construção de um prestígio e de um leitorado consistentes visa colocar em perspectiva e em relevo o que parece inquestionável ao leitor de hoje, mas que, diante das informações fornecidas acima, não se pode tomar como óbvios: Proust é um escritor que inova a narrativa contemporânea francesa, e sua obra tem importância capital no quadro da literatura mundial. Essa evidência levou muitas décadas para ser validada pela crítica e pelo leitorado, pois os caminhos e os descaminhos da recepção de Proust (na França) foram moldados por contingências mais ideológicas do que artísticas ou estéticas – e as qualidades do texto foram difamar, obscurecidas e obliteradas. Nos últimos anos, porém, com as várias celebrações proustianas (em 2013, 2019, 2021 e 2022) animando o calendário cultural de Paris e de outras grandes cidades pelo mundo onde universidades consagram espaço acadêmico a Proust, além das cidades francesas que Proust representou – rebatizando-as – em sua obra, promoveu-se uma continuidade do interesse pelas obras legadas pelo escritor – sejam os romances acabados, sejam os inacabados, ou os rascunhos, os ensaios (publicados ou engavetados), ou ainda a sua espantosa correspondência (que, na década de 1990, ocupava 21 volumes publicados; desde então, porém a cada ano, os leilões revelam novas missivas a serem contabilizadas, catalogadas, e disputadas aos milhares de euros).

Nesse sentido, o centenário do Prêmio Goncourt de Proust constituiu uma ocasião estratégica no processo de consolidação da celebridade da obra e do autor: organizou-se um conjunto de eventos denominado *le Printemps proustien*, a Primavera Proustiana, celebrada tanto pela academia quanto pelos proustianos amadores, que atuou em diversos níveis, que incluem publicações, conferências, congaçamentos e desfiles de pessoas vestidas ao estilo da *Belle Époque*, cafés literários, jantares gastronômicos (com as receitas que se encontram na obra), mesas-redondas televisivas, documentários, retrospectivas, excursões pelos jardins mencionados na *Recherche*, um verdadeiro festival capitaneado pelo conhecido e popular apresentador Stéphane Bern em Illiers-Combray, palestras

de acadêmicos, testemunhos de membros da Academia Goncourt e outros nomes ilustres da literatura contemporânea, salões do livro, ateliês de leitura, e toda sorte de atividades envolvendo as mais diversas associações proustianas: os Amis de Cabourg, os Amis de Vinteuil, os Amis de Marcel Proust et de Combray.

Em termos de publicações, o livro mais festejado do ano foi o já mencionado *Proust prix Goncourt: Une émeute littéraire*, do especialista Thierry Laget em torno ou a respeito do qual se multiplicaram entrevistas, resenhas, e comentários – impressos e *on-line*. Em sua esmerada pesquisa, Laget faz um estudo minucioso e crítico dos bastidores e das repercussões do prêmio, baseando-se em documentos primários (artigos da imprensa da época, cartas trocadas entre Proust e amigos e críticos, etc.). É interessante notar que se trata de uma publicação da Gallimard – a mesma editora que, durante muitos anos, foi a única detentora dos direitos de publicação da obra.

Mas essa não será a única publicação da Gallimard nesse ano: ela também reedita *À l'ombre des jeunes filles en fleurs*, acrescentando à capa a indicação: “Prix Goncourt 1919” – lembrando o grande feito que representou, há cem anos, essa vitória. Vitória de quem?

Antoine Compagnon, ao falar sobre a *Recherche*, considera que

[...] Proust é o prêmio mais notável que os jurados Goncourt atribuíram, em todos os tempos. O Prêmio Goncourt não tinha, em 1919, a notoriedade que adquiriu desde então, e se os Goncourt tivessem passado ao largo de Proust, como negligenciaram Céline em 1932, é provável que o prêmio não fosse o que é hoje. Retrospectivamente, pode-se dizer que Proust legitima mais o Prêmio Goncourt do que o Prêmio Goncourt homenageou Proust (COMPAGNON, 1992, p. 3843).

Ou seja: foi Proust que criou o prestígio do Goncourt, e não o inverso – como costuma ser a lógica do livro laureado (cujas vendas aumentam, ao menos temporariamente, mas essa vitória pode ser efêmera, e há muitos livros e autores premiados que são hoje ilustres desconhecidos). Não vemos razão para questionar essa afirmação desse especialista em Proust, e que é também um dos maiores historiógrafos da literatura francesa atuais. Redimensionam-se, assim, alguns elementos comentados de passagem anteriormente: depois da publicação de *Du côté de chez Swann*, a NRF – que havia “passado ao largo” do primeiro

tomo da *Recherche* – sofreu duas mudanças de peso: mudou de nome (tornou-se, nesse ano, Gallimard) e de opinião quanto ao romance proustiano; buscou junto a Proust – e obteve, depois de alguma insistência (como se constata à leitura da correspondência do escritor), os direitos sobre o primeiro tomo da *Recherche* e o contrato para publicar os demais. Como dito antes, a Gallimard não se contenta com a obra ficcional, e publica, em 1919, *Du côté de chez Swann*, *À l'ombre des jeunes filles en fleurs*, e *Pastiches et mélanges*. A editora como que encampa a potencial “marca Proust”, e vê, no escritor, uma grande oportunidade editorial. Aliás, o diretor Jacques Rivière, verdadeiro artífice da aproximação com Proust e da obtenção do contrato editorial com o escritor, diz explicitamente, com todas as letras, em carta clarividente, já em 9 de abril de 1914, a Gaston Gallimard: “Recebi esta manhã o seu telegrama sobre Proust. Nem preciso lhe dizer o quanto estou de acordo com essa publicação. Faça todo o possível para obtê-la. Creia-me: mais tarde, será uma honra ter publicado Proust” (RAGONNEAU, 2019) – lembrando que em 1913, foi André Gide o responsável pela recusa do copião de Proust.

Dentre os grandes eventos de 2019, destaca-se, justamente, a exposição organizada pela Gallimard, na Galerie Gallimard, em Paris, que exhibe cartas trocadas entre Proust e Gaston Gallimard, Proust e Jacques Rivière, Proust e os jurados do Prêmio Goncourt, além de copiões corrigidos (contendo as famosas *paperoles* – colagens de acréscimos que enlouqueciam editores e tipógrafos), edições originais, recortes de notas sobre o prêmio na imprensa da época, e dois desenhos até então inéditos representando Proust, do amigo e escritor Paul Morand (mostrando, inclusive, que ainda há documentos inéditos surgindo, relativos a Proust). O curador da exposição pode ser visto em várias gravações distintas na internet, dando detalhes, contando anedotas, e permitindo vislumbres do acervo exposto.

Confundem-se e fundem-se escritor, editor e prêmio, numa exaltação desdobrada de um retumbante sucesso – a longo termo. Pois, é forçoso lembrar que o livro do concorrente, *Les Croix de bois*, teve uma venda quatro vezes maior do que a do laureado. O editor, Albin Michel, lançou o livro informando, sob o título: “Prêmio Goncourt 1919”, e, mais abaixo, em letras pequeninas, “quatro

votos a seis”. Essa campanha publicitária um tanto falseadora rendeu bons frutos em termos de vendas, mas também uma multa a verter para a Gallimard.

A Gallimard (inclusive enquanto NRF) ganhou, com o livro de Proust, o seu primeiro Goncourt. A editora soube identificar o potencial futuro do autor, e apostou na qualidade da narrativa, apesar da rejeição de parte da crítica. Não menos importante, a editora apostou no Goncourt, ladeou o autor em suas manobras para obter as graças do júri, tornando-se uma aliada presente e constante, interlocutora durante todo o processo de convencimento dos acadêmicos, assim como defensora do título de vitoriosa ao intentar o processo contra a Albin Michel. Ostentou, claramente, que o Goncourt, na batalha do mundo editorial, era dela, Gallimard. Cem anos depois, a editora reafirma essa vitória, festeja com os aplausos de todos os proustianos – acadêmicos e amadores – unidos, por fim, na satisfação da unanimidade conquistada.

Retomando, então, os termos de Compagnon, Proust fez do Prêmio Goncourt o que ele é hoje. E, ousando estender essa noção à sua editora, perguntamos: e a Gallimard, não seria, também ela, “legitimada por Proust”? Se pudéssemos dar voz, hoje, a Rivière, talvez ele dissesse que foi, de fato, “uma honra ter publicado Proust”.

Dentro desse entendimento de fusão ou confusão entre autor, editor e prêmio, podemos continuar a extensão de associações e correspondências e ver novo desdobramento entre obra e premiação: enquanto “lugar de memória”. Esse conceito histórico de Pierre Nora, amplamente ilustrado em obra homônima (de sete volumes, dirigida pelo historiador), estabelece que há objetos, materiais ou simbólicos, que, a um só tempo, incorporam e transmitem a memória vivida por determinado grupo social. Antoine Compagnon contribui para essa obra com seu capítulo sobre a *Recherche* (em que, como mencionado acima, fala, entre outras coisas, da legitimação mútua entre Proust e o Prêmio Goncourt) e afirma que a obra é, em si, um lugar de memória:

Nós reconhecemos [na *Recherche*] um de nossos lugares de memória mágicos, não somente porque ela se apresenta como o *vade mecum* de nossa literatura, o compêndio de nossa cultura, não somente porque encerra-se em si mesma, terminando no próprio começo, porque é circular como uma mônada, o que caracteriza o lugar de memória, mas porque, enfim ela própria

repousa sobre uma das elaborações mais sugestivas do lugar de memória (COMPAGNON, 1992, p. 3860).

Local de encontro e reconhecimento de literatura e cultura, cuja circularidade representa uma completude – que caracteriza o lugar de memória (garantindo sua representatividade junto ao grupo social) –, a *Recherche* será tanto mais um lugar de memória na medida em que seu tema central (COMPAGNON, 1992, p. 3838) é, em nova circularidade, a memória.

Por ocasião do centenário da publicação de *Du côté de chez Swann*, o próprio Pierre Nora, a convite de Compagnon, fará uma conferência no Collège de France, em que evoca e reitera pontos maiores do capítulo de Compagnon e reforça que Proust cria vários lugares de memória em sua obra (como o episódio da *madeleine*, entre outros); e concorda que seu livro constitui, em si, um lugar de memória: livro sobre o livro, livro sobre os livros, a literatura, a memória (genealógica e enciclopédica) da literatura, a literatura no tempo, e o tempo que se registra na própria obra, circularmente. Esse “livro-memória”, é então, um lugar de memória, referência e referente cultural e literário (NORA, 2013).

Dentro dessa perspectiva, podemos dizer que o centenário do Goncourt de Proust também constitui um lugar de memória. Conjunto de objetos materiais e simbólicos, que incorporam e transmitem a memória da recepção da obra, o centenário celebra, circularmente, sua própria memória, que se confunde com a memória da literatura e da crítica francesas.

Thierry Laget, em uma de suas entrevistas, já falara, *en passant*, do Prêmio Goncourt como lugar de memória:

O Prêmio Goncourt se tornou, com efeito, um dos “lugares de memória” da França. Cada qual se apropria dele, e cada qual tem uma relação pessoal com os laureados. Há quem, por confiança, leia todos os Goncourt, e quem, por princípio, não lê nenhum. Quando era o monarca que distinguia Racine ou Molière, seu favor bastava para escrever a história literária. Hoje, dez personagens cooptadas escolhem um romance, e [...] cada qual contesta ou valida as escolhas do novo monarca (*apud* DUTENT, 2020).

Concordamos que o Prêmio Goncourt, tão conhecido dos franceses, é um lugar de memória. Laget o inclui na linhagem das academias de seu país,

sinalizando seu caráter institucional. Mas o evento midiático de proporções nacionais – e, até, internacionais – que se tornou a Primavera Proustiana, por si só, constitui, em seu conjunto e por sua popularidade, um lugar de memória, pois agrega, condensa e representa parte da história da literatura e de sua recepção nos séculos XX e XXI, assim como reitera sua lembrança; é, também, um lugar de transmissão dessa memória, de onde se divulga a celebração de um clássico nacional.

Louros e laureados *en abyme*

Nosso estudo caminhou pelos lados das agruras do jovem poeta Marcel, do ainda jovem tradutor Marcel Proust, e do não tão jovem romancista estreante Proust, atentando para a obtenção do Prêmio Goncourt em meio à revolta raivosa de parte da crítica, para a qual ele era “velho demais”. No curso da linha do tempo, inclusive depois da morte do autor, constata-se que a recepção de sua obra meneia entre luz e sombra, arte e ideologia, e vincula o seu entendimento, na França, de maneira duradoura e insistente, à imagem e ao estigma iniciais.

Entre o centenário do nascimento do autor e o centenário do Prêmio Goncourt, décadas transcorrem e agem no sentido de um alargamento do público leitor de Proust – realizando, com grande atraso, seu desejo de ser lido nas estações de trem. Outra ação do tempo afeta a recepção da obra proustiana junto ao leitor especializado, que multiplica, em suas fileiras, verdadeiros fervorosos. Na conjugação desses dois públicos leitores, forma-se uma grande onda de celebração do autor e de seus livros, retirando, de maneira duradoura, autor e obra do “purgatório”, “calvário” ou limbo onde se enfunara.

Esse roteiro visou ressaltar e redimensionar a importância do prêmio Goncourt de 1919 e de sua celebração em 2019 – pois revela a associação sólida e solidária entre escritor, editora e premiação. Quem mais desfrutou dos louros da Academia Goncourt? Se enveredarmos pelo caminho apontado por Compagnon, retrospectivamente, Proust propiciou o prestígio atual do Prêmio Goncourt, e, quiçá, da própria Gallimard. Essa hipótese pode ser reforçada pelos acontecimentos que coroaram os cem anos do Goncourt de Proust: em 2019, fato excepcional, o Prêmio Goncourt foi parcialmente sediado em Cabourg, cidade em que Proust passou as férias entre 1907 e 1914, a qual chamou de Balbec em sua

ficção, e onde ambientou suas raparigas em flor. Nada mais natural, então, do que anunciar os semifinalistas do concurso, em outubro daquele ano, no Grand Hôtel de Cabourg, em meio a festejos variados.

O próprio júri já participara do *Printemps proustien*, “festival pluridisciplinar” ocorrido em maio (CONTRERAS, 2019), e a revelação dos quatro finalistas acontece junto com o 31º Salão do livro “Lire à Balbec”, de Cabourg – tradição cultural e literária que também homenageia Proust e rememora seu romance. Paralelamente, ao transcorrer das deliberações do prêmio, a cidade de Cabourg coopera com as sociedades Les Amis de Vinteuil e Les Amis de Cabourg (ambas proustianas) e organiza eventos estrelados pelos membros da Academia Goncourt à época (Pierre Assouline, Françoise Chandernagor, Paule Constant, Didier Decoin, Virginie Despentes, Tahar Ben Jelloun, Éric-Emmanuel Schmitt, seu presidente Bernard Pivot...), antigos laureados (Alexis Jenni, Andreï Makine...) e convidados da próxima *rentrée littéraire* – os novos lançamentos do ano, que assinam exemplares e conversam com o público nos belos salões de estilo *Belle Époque*. O Grand Hôtel sedia a exposição “Histoire du Prix Goncourt”, dois concertos de música de época e a mesa redonda “Proust et le Goncourt”, com Pierre Assouline e Luc Fraisse (MOUCHEL, 2019)... entre outros eventos desse luminoso outono proustiano.

A passagem do festival de ofensas de 1919 ao baile de celebridades de 2019 é o atribulado percurso entre a “proustituição” e a consagração quádrupla (do romance, do autor, do editor e do concurso), autorreferente e *en abyme*. De um Goncourt a outro, cem anos acidentados de uma recepção. O *Printemps proustien*, assim, revela-se lugar imantado de memória, monádico, completo em si mesmo, autorreferente e circular, centrípeto – aonde convergem histórias e lembranças de uma sociedade (ou parte dela) – e centrífugo – de onde partem sinais para novas celebrações por vir.

Referências

COMPAGNON, Antoine. *À la recherche du temps perdu*, de Marcel Proust. In: NORA, Pierre (dir.). *Les Lieux de mémoire*. T. III, vol. 2. Paris: Gallimard, 1992, p. 3835–3869. https://www.college-de-france.fr/site/antoine-compagnon/articles_en_ligne.htm. Acesso em 10 ago. 2021.

COMPAGNON, Antoine. Proust 1966. *Annus mirabilis*, palestra no Collège de France, 1^o fev. 2011. <https://www.college-de-france.fr/site/antoine-compagnon/course-2011-02-01-16h30.htm>. Acesso em 6 out. 2021.

CONTRERAS, Isabel. Grand prix d'automne. La troisième liste du Goncourt 2019 sera dévoilée à Cabourg, *Livres Hebdo*, 6 mar. 2019. <https://m.livreshebdo.fr/article/la-troisieme-liste-du-goncourt-2019-sera-devoilee-cabourg>. Acesso em 13 ago. 2021.

DE FALLOIS, Bernard. L'histoire d'un roman est un roman. Entrevista a Nathalie Mauriac Dyer em 2011, *Genesis*, n. 36, p. 105-112, 2013.

DUTENT, Nicolas. “Beaucoup de courage ou beaucoup d'inconscience”: histoire du prix Goncourt, lieu de mémoire français. Entrevista com Thierry Laget, *Marianne TV*, 9 jan. 2020. <https://www.marianne.net/culture/beaucoup-de-courage-ou-beaucoup-d-inconscience-histoire-du-prix-goncourt-lieu-de-memoire>. Acesso em 2 ago. 2021.

GREGH, Fernand. *La Maison de l'enfance*. Paris: Calmann Lévy, 1896.

GUÉRIN, Jeanyves. La gauche progressiste et l'analyseur Proust, *Travaux et Recherches de l'UMLV*, Université de Marne-La-Vallée, p. 169-184, 2004. <https://hal-univ-paris3.archives-ouvertes.fr/hal-01446939/document>. Acesso em 2 jun. 2021.

LAGET, Thierry. Proust et le Goncourt, histoire d'un scandale vieux d'un siècle. Entrevista a Jérôme Dupuis, 5 maio 2019. https://www.lexpress.fr/culture/livre/proust-et-le-goncourt-histoire-d-un-scandale-vieux-d-un-siecle_2075410.html. Acesso em 12 set. 2021.

LAGET, Thierry. *Proust, prix Goncourt: Une émeute littéraire*. Paris: Gallimard, 2019.

LE GOFF, Marcel. *Anatole France à la Béchellerie*. Paris: Albin Michel, 1947.

NIETZSCHE, Friedrich. Le Cas Wagner. Trad. Daniel Halévy et Robert Dreyfus. *La Société nouvelle*, 8^e année, tome 1, jan-fév. 1892.

NIETZSCHE, Friedrich. *Le Cas Wagner*. Trad. Daniel Halévy et Robert Dreyfus. Paris: Librairie Albert Schulz, 1893.

NORA, Pierre. L'avenir de Proust, conférence de Pierre Nora, séminaire d'Antoine Compagnon, “Proust 1913”. Conferência no Collège de France, 15 jan. 2013, 59'. <https://www.franceculture.fr/emissions/les-cours-du-college-de-france/l-avenir-de-proust-conference-de-pierre-nora-seminaire-d-antoine-compagnon-proust-1913>. Acesso em 10 ago. 2021.

NUNEZ, Laurent. Réception d'une oeuvre. *Lire*, Marcel Proust 100 ans après son Goncourt, n. hors série, p. 56-57, 2019.

MOUCHEL, Nicolas. Les finalistes du Prix Goncourt dévoilés dimanche au Salon du livre de Cabourg, *Le Pays d'Auge*, 25 out. 2019. https://actu.fr/normandie/cabourg_14117/les-finalistes-prix-goncourt-devoiles-dimanche-salon-livre-cabourg_28918296.html. Acesso em 13 set. 2021.

PIATIER, Jacqueline. Centenaire de Marcel Proust. *Le Monde*, 9 jul. 1971. https://www.lemonde.fr/archives/article/1971/07/09/centenaire-de-marcel-proust_2452653_1819218.html. Acesso em 10 ago. 2021.

RAGONNEAU, Nicolas. De Grasset à Gallimard, Proust prix Goncourt, 27 set. 2019. <https://proustonomics.com/de-grasset-a-gallimard-proust-prix-goncourt/>. Acesso em 14 ago. 2021.

SOUDAY, Paul. *Marcel Proust*. Paris: Simon Kra, 1927. <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k2136022.pdf>. Acesso em 9 ago. 2021.

Recebido em: 18 de outubro de 2021.

Aceito em: 17 de novembro de 2021.